CAPITAL AFETIVO:

O QUE GUARDAMOS DE QUEM PASSA POR NÓS

◆ Pe. Diego Lelis, cmf ◆

Imagem: Sébastien Jermer / Unsplash

"MARIA CONSERVAVA TODAS ESSAS PALAVRAS, MEDITANDO-AS NO SEU CORAÇÃO." (LC 2,19)

"SOMOS O RESULTADO DE TANTA GENTE, DE TANTA HISTÓRIA, TÃO GRANDES SONHOS QUE VÃO PASSANDO DE PESSOA A PESSOA, QUE NUNCA ESTAREMOS SÓS." (VALTER HUGO MÃE, O FILHO DE MIL HOMENS)

Basta, às vezes, sentir o cheiro de um café para que alguém nos venha à memória. Uma canção nos devolve a uma casa, uma palavra faz lembrar um conselho, um jeito de sorrir traz para perto quem já partiu. Nessas horas, percebemos quanto de nossas vidas continua habitado por outras pessoas. Guardamos modos de cuidar, expressões que aprendemos a repetir e lembranças que ainda nos ajudam a enfrentar um dia difícil.

Penso que podemos chamar de "capital afetivo" essa presença dos encontros naquilo que vamos nos tornando. São vínculos, gestos e experiências que participam da nossa formação humana. Uma professora que teve paciência quando aprender parecia impossível, alguém que nos ouviu num momento de vergonha, a pessoa que permaneceu ao nosso lado durante uma perda, talvez nem saibam quanto fizeram por nós; o cuidado que ofereceram encontrou lugar em nossas histórias e, de alguma maneira, continua agindo.

A expressão exige atenção. A palavra "capital" costuma nos conduzir ao universo do dinheiro, do acúmulo e do rendimento; seria um equívoco transportar essa lógica para os afetos, tratando relações como investimentos dos quais esperamos algum retorno. Ninguém nos deve amor porque um dia lhe fizemos um bem. Ao falar de capital afetivo, refiro-me à constituição dos vínculos, à experiência vivida que se torna memória e nos humaniza. Seu sentido está na gratuidade e na liberdade com que aprendemos a fazer parte da vida uns dos outros.

As palavras de Valter Hugo Mãe nos ajudam a reconhecer essa condição: há muita gente em nossas maneiras de existir. Recebemos de outros até mesmo algumas das palavras com que expressamos o amor e, enquanto seguimos a vida, também deixamos algo de nós. Vale perguntar: o que uma pessoa aprende sobre si mesma depois de conviver conosco? Sente que tem valor? Encontra espaço para falar? Pode apresentar suas fragilidades sem receio de ser diminuída?

O Evangelho de Lucas nos apresenta Maria conservando e meditando no coração aquilo que vivia. Naquela cena, ela acolhe as palavras dos pastores diante do Menino deitado na manjedoura (cf. Lc 2,19). A vida acontece entre a simplicidade do nascimento e o mistério de Deus que se faz próximo. Maria escuta, guarda, procura compreender. Podemos aprender com ela a dar atenção ao vivido, permitindo que os encontros amadureçam dentro de nós e iluminem nossos passos.

Na experiência cristã, a memória tem essa força de nos comprometer com a vida. Recordar o cuidado recebido pode nos tornar mais atentos ao sofrimento alheio. Acolhemos alguém e reconhecemos, naquele gesto, as mãos que um dia nos acolheram; dessa forma, a gratidão ganha continuidade: alcança outras pessoas, atravessa gerações, encontra novas formas de presença.

Jesus viveu profundamente os vínculos humanos. Teve amigos, partilhou refeições, chorou diante da morte de Lázaro. Seus encontros alcançavam pessoas marcadas pela rejeição e lhes abriam possibilidades de vida e convivência. Aproximar-nos dele implica aprender essa atenção concreta: perceber quem está sozinho, escutar quem quase nunca é ouvido, oferecer lugar a quem se acostumou a ficar de fora.

Sabemos que muitas pessoas carregam memórias de abandono e palavras que ainda ferem. A comunidade cristã precisa ser um lugar onde podem experimentar relações de respeito, proteção e confiança. Isso pede tempo, responsabilidade e coerência. Uma visita, uma conversa sem pressa, a lembrança de um nome podem participar de uma história que começa a encontrar acolhimento.

Talvez hoje possamos recordar alguém cujo cuidado permanece em nós. Se for possível, dizer-lhe isso, e olhar com mais atenção para quem partilha nossos dias.

Participamos da memória de alguém: de uma criança que nos observa, de um amigo que precisa conversar, de uma pessoa que espera ser recebida. Que o Senhor nos ajude a cuidar dessa presença. Que, ao se lembrar de nós, alguém encontre ainda um pouco de coragem para viver. ●